

Entre encontros e despedidas

**Histórias sobre
o viver e o morrer**

**Arthur Fernandes
Jéssica Maia**

Entre encontros e despedidas

**Histórias sobre
o viver e o morrer**

**colaboradoras
Manuela Patriota
Josene Ferreira**

1ª edição | São Paulo | 2026

 **Fábrica
de cânones**

Copyright © Fábrica de cânones, 2026

Entre encontros e despedidas © Arthur Fernandes, Jéssica Maia, 2026



Editor

Eduardo Guimarães

Estagiária de editoração, preparação e revisão

Mariana Rocha Cruz

Projeto gráfico e diagramação

Regina Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

F398e Fernandes, Arthur

Entre encontros e despedidas : histórias sobre o viver e o morrer / Arthur Fernandes, Jéssica Maia ; colaboradoras Manuela Patriota, Josene Ferreira. – São Paulo, SP : Fábrica de Cânones, 2026.

116 p. : il.

ISBN 978-65-85148-31-3

1. Vida e morte – Narrativas pessoais 2. Luto 3. Perdas

4. Relação médico-paciente 5. Espiritualidade e saúde

I. Título II. Maia, Jéssica III. Patriota, Manuela

IV. Ferreira, Josene

26-1227

CDD 158.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Vida e morte – Narrativas pessoais

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil

Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

Sumário

9 **Prefácio**

13 **Sobre o desenhista**

Apresentações

17 **Diretivas antecipadas de vontade**

22 **Uma batida de coração**

1. Famílias, memórias

27 **Falo das boas lembranças**

29 **A pena forte da dor**

32 **Aperreio do dia**

36 **O tempo é sua morada**

40 **Diga a ela que me espere**

2. Práticas de cuidado

45 **Mande notícias do mundo de lá**

47 **Pudim de leite condensado**

52 **Camada extra de conforto, camada extra de coragem**

54 **Saravá as pretas velhas**

3. Cuidado e sociedade

- 61 Não deu tempo
- 63 Mês de maio
- 65 Por essas ruas inclinadas, eu ando de cabeça erguida
- 70 Cerveja pra comemorar

4. Espiritualidade

- 75 Senhor, passa tua veste sobre mim
- 78 Uma paz em Deus
- 81 Dor de alma
- 86 Até das coisas do coração

5. Quem cuida

- 91 A vida secreta dos abraços
- 93 Carne de carnaval, coração igual
- 95 Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar
- 98 Oi, Deus
- 100 A vida secreta dos olhares
- 105 Sobra tanta falta

- 110 **Posfácio**
Despedida da Estação

- 112 **Sobre os autores**

Trata-se de uma obra com elementos ficcionais que utilizou situações e pessoas reais como inspiração. Todos aqueles presentes nas histórias aqui contadas tiveram seus nomes alterados para preservar sua privacidade e anonimato.

Prefácio

Há livros que nos tocam pela delicadeza da escrita. Outros, pela relevância do tema. *Entre encontros e despedidas* consegue reunir essas duas características e acrescentar algo ainda mais raro: a capacidade de acolher a vida que acontece mesmo quando o corpo adoce, sem negar a finitude, mas também sem reduzir a existência a ela.

Arthur, com sua escuta afiada de médico de família, e Jessica, com aquela delicadeza que acolhe o inefável, nos lembram que cuidar vai além do corpo; que cuidar começa na escuta, e que escutar exige presença. E, nisso, eles são impecáveis. Foi a partir da escuta profunda das histórias que atravessam a enfermaria de cuidados paliativos que nasceu esta obra (ou este convite à vida, como preferir). Nela, eles nos contam histórias de encontros possíveis, de despedidas que se anunciam, de vínculos que se reorganizam quando o tempo passa a ter outro peso. Não são narrativas sobre a morte. São narrativas sobre a vida que insiste, que se expressa e que encontra sentido mesmo em contextos de grande fragilidade. A potência das histórias que esta obra carrega está justamente em olhar para o adoecer sem apagar a pessoa, seus afetos, suas relações e seus modos singulares de estar no mundo.

Ao longo da leitura, fica claro que a escuta não aparece aqui como um recurso acessório, mas como fundamento do cuidado. Escutar, neste livro, é permitir que a história

exista antes de qualquer decisão, antes de qualquer intervenção, antes de qualquer tentativa de organizar o que, por natureza, é complexo. Percorrer essas histórias me leva, inevitavelmente, a refletir sobre a forma como compreendo e exerço o cuidado na minha trajetória profissional. Planejar o cuidado, aprendi, não é antecipar respostas, mas criar condições para que elas façam sentido à luz da história que está sendo vivida.

As narrativas reunidas em *Entre encontros e despedidas* mostram que o cuidado se constrói no cotidiano, na relação e na continuidade. Ele não se encerra em um único espaço, nem pertence a um único profissional ou serviço. Ao contrário, é multidimensional. Atravessa a multidisciplinaridade das equipes, os contextos e os diferentes momentos, convidando à integração, à articulação, à corresponsabilidade e à coerência entre aquilo que se escuta e aquilo que se faz. Essa transversalidade aparece no livro de forma concreta, encarnada nas histórias e nos vínculos que se mantêm mesmo quando os cenários mudam.

Há também uma honestidade, ainda rara, na forma como os autores lidam com o sofrimento. Não há romantização da morte, tampouco negação da dor. O que se percebe é um compromisso ético com o cuidado até o fim, entendido como presença, respeito e reconhecimento da dignidade da vida em todas as suas fases. Para quem atua nos cuidados paliativos, o livro funciona como um lembrete potente do sentido do fazer cotidiano. Para quem lê a partir de outros lugares, abre-se a possibilidade

de compreender que cuidar não é apenas tratar, mas acompanhar, acolher e permanecer.

Este é um livro que pede pausa. A mesma pausa necessária para escutar de verdade, para planejar com responsabilidade e para cuidar com sentido. Que suas histórias encontrem leitores dispostos a se deixar atravessar por elas e que sigam inspirando formas de cuidado mais integradas, mais humanas e mais coerentes com a complexidade da vida que acontece, mesmo quando o corpo adocece.

Thaís Gonçalo

Terapeuta ocupacional paliativista e especialista
em saúde da família, vice-presidente da Academia
Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP)



Maurilia
27/04/2019
SAB. 20:58 Hs.
MR

Sobre o desenhista

Esta é uma obra composta a muitas mãos. Uma delas, responsável pelas ilustrações que acompanham cada um dos textos, está aqui presente *in memoriam*.

Maurício, nascido em 1974, na cidade de Recife, filho de José Tavares e Eronita da Silva, morador do bairro de Santo Amaro, sem vínculos empregatícios, solteiro, sem filhos.

Trocou – olhares, conversas, conflitos, afetos – com uma equipe de cuidados paliativos de julho a outubro de 2019, quando faleceu.

Maurício, que não se sentia artista, habitou a enfermaria de oncologia e em seguida a enfermaria de cuidados paliativos. Durante alguns meses, em o seu processo de adoecimento e tratamento, produziu uma grande quantidade de obras.

Homem calado, introspectivo e de poucos amigos. Chegou sem vínculos, com dificuldade de perceber seus pontos positivos e muita raiva guardada. Com histórico de etilismo e isolamento social, vivia como “pedinte”, sem emprego, “de favor”.

Um homem jovem, forte e cheio de arte dentro de si. Atormentado por pensamentos que não expunha a ninguém, mas dono de uma sinceridade ímpar e de um humor ácido, sarcástico, sagaz. Observador perspicaz com muita facilidade para aprender.

Desses talentos que nos perguntamos: por que foi desperdiçado? Em que momento o menino traquino que jogava pedras nos telhados dos vizinhos se tornou esse homem calado que não quer nunca sair do leito?

E talvez pela ausência de palavras sejam tão ou ainda mais interessantes os seus desenhos, que sem dizer, gritam!

São corações e mulheres que choram, que voam, que oram. Imagens replicadas, disfarçadas para não parecerem suas. Desenhista despretenso, mas muito talentoso, desenhava o que via, o que lembrava e o que sentia.

Ele, que passou a vida despercebido, foi na morte que encontrou os laços. Foi ao se deparar com um câncer de intestino metastático que ele se abriu como uma rosa perto do seu fim. Cada pétala caindo lentamente e desejando que seu destino mudasse ou viesse de surpresa: pá pum! – ele dizia. Era assim que queria morrer e não aos poucos, mas se assim não fosse, ele também não teria conhecido a vida e como é ser querido e cuidado. E nós também não o teríamos conhecido e sido por ele impactados.

No último dia em que ainda estava lúcido manifestou o desejo de expor seus desenhos. Ideia essa que vinha sendo construída com ele desde o internamento na enfermaria de oncologia, mas infelizmente não houve tempo.

Ah, o tempo! Implacável!

Na impossibilidade de realizar em vida, o fazemos na morte como forma de homenagem àquele que produziu em nós profundas reflexões, e que através dos seus

desenhos nos apresentou um pouco da sua vida e da vida que há na enfermagem de cuidados paliativos.

Convidamos vocês, caros leitores, a pensarem em textos e imagens como um todo que se complementa.

Agradecemos aos familiares pela autorização de uso dos direitos de imagem.

Que você vá em paz. Obrigada pelos ensinamentos!

Manuela Patriota

Apresentações

ANO PASSADO EU MORRI, ESSE ANO EU MORRO (E RENASÇO) DE NOVO OU DIRETIVAS ANTECIPADAS DE VONTADE

Vamos lá, mais um começo. Foram tantos os que me trouxeram até aqui.

Este livro é uma composição de muitas histórias, afetos, transformados em textos que foram produzidos ao longo da residência em Cuidados Paliativos. Mas como falar desse texto sem falar desses começos e recomeços? Como falar da morte, do luto e dos sofrimentos daqueles que tive a oportunidade de conhecer e cuidar sem falar também dos meus?

Pensando assim... algumas memórias parecem mais importantes do que outras. Será?

A primeira grande perda. A indignação de não entender como Deus poderia pactuar com a morte de alguém tão jovem

Acidente. Eles disseram. Uma pena, poderia acontecer com qualquer um.

Algumas escolhas. Caminhos que poderiam ser e não foram. A grande advogada, ou diplomata... quem sabe.

Retrovisor é passado. Escolher um caminho é também abrir mão da possibilidade de muitos outros.

Escolhi o da médica. Não no vestibular, ou nos seis anos de curso. Ainda me pergunto se terminei de escolher ou se escolho todo dia. Todo dia um pouquinho.

Encontrei na medicina de família um lugar seguro. Alguns chamariam de bolha.

Um dia, a bolha explodiu e levou com ela muitos pedaços desse meu coraçãoborim. Meu pai.

Infarto, eles disseram.

Prometi que ligava ontem... a vida longe de casa tem dessas, o cansaço, os compromissos sociais. Não me despedi. Não tivemos uma última conversa significativa. Nem sequer me lembro quais foram as últimas palavras que trocamos. Morreu, simples assim. Morri.

Infarto, eles disseram.

A segunda grande perda. No colchão ortopédico onde me oferecia o ombro para o cochilo, me aninhava nas noites de pesadelo e medo, e anos depois, já crescida, se espremia para um cafuné compartilhado, deu seu último suspiro. Sem gritos, sem aparelhos, sem meses e meses de internações hospitalares. Me devolveu ao colo de Deus e da espiritualidade. Seus cuidados terrenos chegaram até onde seu coração hipertrofiado conseguiu dar conta. Dali em diante, era adulta.

Construí um novo porto. Um lugar onde muito daquilo que faz de mim quem sou não era tratado apenas como *hobby*, passatempos de final de semana, mas sim como ferramentas do cuidar.

Ao final de dois anos, recebi um certificado que, mais do que me dar um título de especialista, dizia que eu podia ser valente e chorar.

Achei que tava pronta. Roupas que não cabem mais, joga fora.

Livros na caixa.

Não sou eu quem me navega. Quem me navega é o mar.

Cuidado Paliativo para mim sempre foi isso. Caminho que parece óbvio, escrito.

Nunca foi dúvida, nunca foi uma decisão difícil de se tomar. Achei que embarcava numa jornada de aprender sobre manejo clínico de sintomas, prescrever medicamentos injetáveis, dar conta de uma enfermagem. Imaginei que seria sobre ouvir histórias, me emocionar e me envolver com o outro. Com o outro. Nos meus 27 anos de vida nunca me envolvi tanto comigo mesma quanto nos últimos 10 meses. Na cabeceira de pacientes moribundos, próximos da morte, encontrei o vazio que carregava há tanto tempo que nem sei.

Cuidando dos outros percebi que cuidar de mim não era tão simples como parecia. Entrar no porão das lembranças, sacudir a poeira e olhar nos olhos da menina que ainda carrega tanta culpa, tanta insegurança. Medo da avaliação alheia. Necessidade de ser vista como capaz, competente. A menina que tentou se passar por outra, falar de outras maneiras ou até... não falar.

A mulher que vivia no automatismo enquanto perguntava aos doentes sobre o sentido da vida. Pendências. Desejos não realizados. Preenchia as conversas familiares

enquanto empurrava com a barriga minhas próprias questões não resolvidas.

Olhar para dentro não tem sido fácil. Terapia, medicação, necessidade de dar nome.

Disseram que sou parte de uma geração deprimida, uma geração que só se contenta em fazer o que traz prazer e significado. Geração frágil, que não dá conta. A academia exige outro perfil. O mundo adulto pede que sejamos capazes de engolir sapos.

No início, escrever para mim era um ato terapêutico. Escrevia para dentro. Papéis que iam para o lixo. Arquivos que se perdiam de um computador para outro. Foi preciso tempo e coragem para falar em voz alta. Jogar meu corpo e escrita no mundo. Chorar e me mostrar sensível na frente de quem eu considerava superior e adulto. Hoje escrevo como quem grita no fundo de uma caverna. Escrevo na esperança do eco.

No eco escuto a voz de gente como eu. Gente que acredita no poder transformador da construção de uma subjetividade pautada na sensibilidade. Gente disposta a olhar para o próprio umbigo, mesmo que doa, mesmo que lá esteja escondido o próprio inimigo. Gente que acredita verdadeiramente em educar para libertação, em cuidar com carinho, afeto, com o intelecto e com o corpo inteiro. Gente que acredita que a boa morte começa no aqui e no agora, e não na bomba de midazolam instalada nas últimas horas.

Quando a minha hora chegar, espero que me tragam gente de verdade. De carne, osso e sofrimentos vivíssimos.

Gente que seja capaz de segurar em minha mão e reconhecer não saber de todas as respostas. Que não lhe falem técnicas e conhecimentos, mas que sejam capazes de abandonar todas elas e deixar que o silêncio paire no ar.

Para que assim, cercada de verdade, eu possa não morrer, mas sim me encantar.

Jéssica Maia